



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

DANIEL LIMA NOGUEIRA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DO BRICS PARA AS EMPRESAS BRASILEIRAS: UM ESTUDO
DE CENÁRIO.**

MOSSORÓ

2021

DANIEL LIMA NOGUEIRA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DO BRICS PARA AS EMPRESAS BRASILEIRAS: UM ESTUDO
DE CENÁRIO.**

Monografia apresentada a Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como requisito
para obtenção do título de Bacharel em
Administração.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alano Soares de
Almeida

MOSSORÓ

2021

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

S586i Silva, Daniel Lima Nogueira.

A Importância do BRICS para as empresas brasileiras: Um estudo de cenário / Daniel Lima Nogueira Silva. - 2021.

32 f. : il.

Orientador: Carlos Alano Soares de Almeida. Monografia (graduação) - Universidade Federal

Rural do Semi-árido, Curso de Administração,
2021.

1. BRICS. 2. Comércio Exterior. 3. Empresas.

I. Almeida, Carlos Alano Soares de, orient. II. Título.

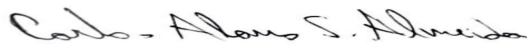
DANIEL LIMA NOGUEIRA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DO BRICS PARA AS EMPRESAS BRASILEIRAS: UM ESTUDO
DE CENÁRIO.**

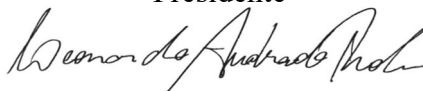
Monografia apresentada a Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como requisito
para obtenção do título de Bacharel em
Administração.

Defendida em: 27 / 05 / 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Carlos Alano Soares de Almeida (UFERSA)
Presidente



Leonardo Andrade Rocha, Prof. Dr. (UFERSA)



Fabiano da Costa Dantas, Prof. Dr. (UFERSA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus. Pela minha vida e pela força que me deu durante toda a minha caminhada dentro do curso de graduação. Nele tudo posso.

Agradeço aos meus pais, Marcos Juno e Francisca Estevam, que durante toda a minha vida tem sido não só minha base, mas fonte de força incondicional nos bons e maus momentos. Nunca vão haver palavras para expressar o que vocês representam na minha vida. A defesa deste trabalho e a conquista do título de bacharel em Administração é resultado de um esforço tão deles quanto meu. Sei que todas as minhas realizações são suas também.

Também devo agradecer a minha grande família. Tenho a sorte de ter nascido em uma família não só numerosa, mas bastante unida. Nesses anos da graduação foram todos de enorme importância, uma vez que me ajudaram nas diversas dificuldades que se apresentaram. Dentre estes, ressalto a importância das minhas tias e tios, padrinho e madrinha de batismo, além das minhas afilhadas, Louise e Maria Eduarda. Em especial, destaco os nomes de Fernando Lima e Pe. Carlos César de Sousa, irmão e padrinho de crisma, respectivamente, que sempre foram exemplos que escolhi para seguir, tanto no campo profissional, quanto acadêmico.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Alano, pela paciência, e, principalmente, pela insistência neste orientando. Grande professor que sempre objetivei ter como orientador desde as aulas de Análise Microeconômica, nos primeiros semestres da graduação. Também quero agradecer a banca examinadora pela disponibilidade e atenção que destinaram a este trabalho.

Por fim, venho agradecer aos meus amigos/companheiros de todas as horas, presentes desde as primeiras aulas de introdução a administração até as últimas etapas da elaboração do TCC. Dentre estes, destaco os nomes de Bruno Godeiro, Alcivan Júnior, César Filho, Kátia Layane, Nara Rodrigues e Ana Paula Ribeiro. Amigos/irmãos que levo para toda a vida.

RESUMO

O BRICS, bloco econômico formado pelas economias emergentes de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, tem sido, desde sua formação, motivo de especulação de terceiros e incentivo a negócios entre seus participantes. O objetivo central desta pesquisa é descrever o impacto que a participação do Brasil no bloco teve sobre os negócios das empresas brasileiras com o exterior. Propõe-se, assim, a analisar os números do comércio exterior brasileiro com esses quatro países em períodos anteriores e posteriores a adesão ao BRICS, além de descrever os impactos positivos que esse alinhamento teve sobre seguimentos importantes de empresas, como o agropecuário, onde ficou-se exposto que essa participação influenciou positivamente os negócios das empresas brasileiras que exportam seus produtos.

Palavras-chave: BRICS; Comércio Exterior; Empresas.

ABSTRACT

The BRICS, an economic bloc formed by the emerging economies of Brazil, Russia, India, China and South Africa, has been, since its formation, a reason for speculation by third parties and incentives for business among its participants. The main objective of this research is to describe the impact that Brazil's participation in the bloc had on the business of Brazilian companies abroad. It is proposed, therefore, to analyze the numbers of Brazilian foreign trade with these four countries in periods before and after joining the BRICS, in addition to describing the positive impacts that this alignment had on important segments of companies, such as agriculture, where it stayed it was exposed that this participation positively influenced the business of Brazilian companies that export their products.

Keywords: BRICS; Foreign Trade; Companies.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	–	Percentual, em dólares, de exportações para países do BRICS em relação aos demais países no período de 2000 a 2009.....	16
Gráfico 2	–	Percentual, em quilograma líquido, de exportações para países do BRICS em relação aos demais países no período de 2000 a 2009.....	21
Gráfico 3	–	Percentual, em dólares, de exportações para países do BRICS em relação aos demais países no período de 2010 a 2019.....	23
Gráfico 4	–	Percentual, em quilograma líquido, de exportações para países do BRICS em relação aos demais países no período de 2000 a 2009.....	37
Gráfico 5	–	Resultados da Balança Comercial Brasileira de 2000 a 2019.....	37
Gráfico 6	–	Resultados da Balança Comercial do Brasil o BRICS.....	37

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	–	Exportações brasileiras no período de 2000 a 2009.....	16
Tabela 2	–	Importações brasileiras no período de 2000 a 2009.....	21
Tabela 3	–	Total exportado pelo Brasil de 2000 a 2019.....	23
Tabela 4	–	Exportações do Brasil para os países membros do BRICS de 2000 a 2019....	37
Tabela 5	–	Crescimento médio dos valores de exportações de produtos agropecuários...	46
Tabela 6	–	Crescimento médio dos valores de exportações de produtos da indústria de..	11
Tabela 7	–	Crescimento médio dos valores de exportações de produtos da indústria ext.	11
Tabela 8	–	Crescimento Médio dos valores de exportações dos demais produtos.....	11

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BRICS	Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
BACEN	Banco Central do Brasil
FMI	Fundo Monetário Internacional
BC	Balança Comercial
Mdic	Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços
ME	Ministério da Economia
Mercosul	Mercado Comum do Sul
UE	União Europeia
FOB	Free on Board

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REVISÃO DA LITERATURA.....	11
2.1	Comércio Internacional e Comércio Exterior.....	11
2.2	Balança Comercial.....	12
2.3	O Comércio Internacional Brasileiro.....	14
2.4	Blocos Econômicos.....	17
2.5	BRICS.....	18
3	MÉTODO.....	19
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	20
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
	REFERÊNCIAS	32

1-INTRODUÇÃO

A atividade empresarial tem seu desempenho influenciado pelo desempenho da economia como um todo. As políticas macroeconômicas tecem um cenário favorável, ou não, para as empresas existentes em determinado país, por isso, medidas com aumentos ou redução de gastos públicos, exigência de impostos, aumento do volume de moeda na economia e variações na taxa de câmbio devem ser observadas atentamente pelos gestores das mais diversas empresas inseridas nos diferentes setores da economia. As relações internacionais são um dos principais indicadores de desempenho da economia doméstica, pois aumento nessas relações podem gerar aumentos de mercados consumidores de suas mercadorias.

Como define Souza (2003), O comércio internacional sendo um intercâmbio de mercadorias e serviços entre agentes econômicos, tem a iniciativa privada como um de seus principais agentes, juntamente com o Estado. Negócios com organizações estrangeiras são uma grande oportunidade para as empresas, tendo em vista os inúmeros benefícios que eles podem lhes conceder indo desde um maior acesso a matérias-primas, fornecedores, clientes e novas tecnologias, até outros ganhos organizacionais, como o fortalecimento da marca, e adaptações da cultura organizacional, tendo em vista também o intercâmbio cultural pelo qual a organização passa o que possibilita um ganho de escala que poderia não ser alcançado pela empresa se tivesse optado por restringir-se ao mercado local.

Desta forma, torna-se importante pesquisar como o BRICS, principais potências mundiais emergentes Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, tem influência sobre a produção nacional. Investigar qual a importância do bloco econômico para a economia brasileira é compreender quais produtos são destinados e quais regiões do país estão sendo beneficiadas e com isso demonstrar setores empresariais atingidos por essa relação.

A importância das relações internacionais para todos os países é certa, pois aquece a economia local e muitos setores são beneficiados. Desta forma, pode-se perguntar **qual a importância das relações do Brasil com o BRICS para as empresas brasileiras?** Essa resposta ajudará a compreender quais produtos são exportados para o bloco, quais as regiões e a importância do bloco para a geração de divisas para o Brasil. Dessa forma, ao tratar da importância do BRICS para a produção nacional traz-se uma informação importante para as empresas brasileiras.

Para isso a presente pesquisa tem buscará atingir o seguinte objetivo: Verificar qual a importância do BRICS para os negócios das empresas brasileiras nos últimos 10 anos (2010-2019). Para tanto serão feitas consultas à base de dados do governo para descrever as relações

de exportações e importações com o bloco no período de tempo determinado pela pesquisa. As informações desenvolvidas nesta pesquisa podem orientar a estratégia de empresas que transacionam produtos no comércio internacional.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1-COMÉRCIO INTERNACIONAL E COMÉRCIO EXTERIOR

Assim como em quaisquer relações de comércio, as transações entre países tratam-se, em grosso modo, de uma nação suprir as necessidades de outra, por meio do fornecimento de produtos ou serviços a que tem fácil acesso ou facilidade de produção. Enquanto alguns têm recursos naturais em abundância, outros compensam a falta ou restrição destes com o desenvolvimento de tecnologias inexistentes ou de difícil acesso às demais nações (alguns países podem ter ambos), e é graças ao comércio internacional que essas nações, independente de distâncias ou barreiras linguísticas, podem negociar esses bens em que se especializaram. É o que afirmam Passos e Nogami (2012, p. 521-522):

Enquanto alguns países são mais bem-dotados de terra, outros são mais bem-dotados de mão de obra especializada; outros ainda, são mais bem-dotados de capital. [...] Por causa dessas diferenças, os custos de produção variam de país para país. Algumas mercadorias podem ser obtidas a custos menores do que se fossem produzidas internamente, por meio do comércio internacional.

Teoricamente, essas transações oferecem benefícios mútuos entre as nações envolvidas, no que é chamado de ganhos de comércio por Krugman (2010). Conceito esse que para a economia internacional, segundo este mesmo autor, trata-se de seu principal conceito teórico. E, com ou sem ganhos de comércio, essas relações entre as nações têm ocorrido desde a antiguidade, estando presente nas antigas civilizações, já tendo sido utilizado até mesmo como principal métrica de riqueza e poder (período mercantilista), e mantendo-se até hoje como um dos principais motores do desenvolvimento nacional, além de ser um grande motivador da atual ideia de globalização que, seguindo a definição dada por Seitenfus (2013), caracteriza-se principalmente por aspectos financeiros, comerciais, culturais e de comunicações.

O comércio internacional sendo um intercâmbio de mercadorias e serviços entre agentes econômicos, como define Souza (2003), tem a iniciativa privada como um de seus principais agentes, juntamente com o Estado. Negócios com organizações estrangeiras são

uma grande oportunidade para as empresas, tendo em vista os inúmeros benefícios que eles podem lhes conceder indo desde um maior acesso a matérias-primas, fornecedores, clientes e novas tecnologias, até outros ganhos organizacionais, como o fortalecimento da marca, e adaptações da cultura organizacional, tendo em vista também o intercâmbio cultural pelo qual a organização passa o que possibilita um ganho de escala que poderia não ser alcançado pela empresa se tivesse optado por restringir-se ao mercado local. É neste ponto que entra a ideia de comércio exterior. Há por muitos o entendimento de que os conceitos de comércio internacional e comércio exterior seriam os mesmos, porém, Poyer (2017, p.11) explica que, diferentemente do comércio internacional, o comércio exterior “é a forma pela qual um país se organiza em termos de políticas, leis, normas e regulamentos que disciplinam a execução de operações de importação e exportação de mercadorias e serviços com o exterior”. Dessa forma fica claro que o conceito de comércio exterior está muito mais ligado à fiscalização, organização e regulamentação das relações de comércio entre as nações, do que a ideia de comércio internacional, sendo este, regulado pelas políticas de comércio exterior.

Mas como se caracterizam essas relações comerciais entre os países? Como foi mencionado acima, há países especializados na produção ou prestação de um determinado produto ou serviço, ou até de toda uma categoria de produtos/serviços, dependendo dos tipos de recursos que estes apresentam, podendo ser natural ou até mesmo humano. Um bom exemplo são as commodities, produtos de baixo valor agregado como o petróleo e o minério. Estes são produzidos principalmente pelos países com maiores riquezas naturais (não é à toa que os dois exemplos utilizados são oriundos de indústrias extrativistas), como em países como Brasil, Estados Unidos e Rússia, países notoriamente vastos em território. Então, para que estes produtos cheguem até nações que não tem um acesso tão fácil a eles, existem os processos de compra e venda desses produtos, ou, neste caso, importação e exportação, respectivamente, sendo o primeiro, o produto/tecnologia que vem do exterior, e o segundo o produto/tecnologia que é vendido para outras nações. É a partir destes dois conceitos-chave para o entendimento das relações de comércio internacional que será possível observar quais as características e particularidades do Brasil dentro dessas relações.

2.2-BALANÇA COMERCIAL

Segundo o Banco Central do Brasil (BACEN), a balança de pagamentos é um registro estatístico de todas as transações que ocorrem entre os entes residentes no país (empresas que

atuam no Brasil, por exemplo) e o resto do mundo, podendo ser medida não só em dinheiro, mas também em fluxo de bens. Anualmente o Banco Central divulga um documento da balança de pagamentos brasileira. Já Rossetti (2016), conceitua o balanço internacional de pagamentos de uma forma semelhante à instituição citada a pouco, sendo um levantamento contábil que registra todos os pagamentos pelo fornecimento de produtos e fatores de produção envolvendo agentes econômicos nacionais e internacionais. Isto é, a balança de pagamentos compreende desde transações envolvendo unidades familiares até as que compreendem instituições governamentais, sejam estas unidades brasileiras ou não, desde que envolvam compra e/ou venda de produtos e serviços produzidos ou fornecidos pelo/para o Brasil.

Os critérios que definem a estrutura e forma de contabilização da balança de pagamentos são determinados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), para que assim haja padronização no âmbito internacional. Essa estrutura é dividida principalmente em dois grandes grupos: O de transações correntes (registra transações comerciais) e o de movimentação de capitais (registra transações de divisas). É dentro da estrutura da balança de pagamentos, mais especificamente no grupo de transações correntes, que está presente a balança comercial.

A balança comercial trata-se de uma razão entre as exportações e importações de bens e serviços de um determinado lugar. O saldo da Balança Comercial é obtido a partir da diminuição dos valores referentes as importações em relação ao valor das exportações ($BC = \text{Exportações} - \text{Importações}$), ambos sem o valor do frete, pois este é contabilizado na balança de serviços, que é uma conta distinta que também está presente na estrutura da balança de pagamentos. No caso da balança comercial brasileira, que historicamente importou mais produtos industrializados e exportou commodities, houve, desde a virada do século, o retorno de resultados com superávits (valores das exportações foram superiores aos das importações), mesmo que de forma muito discreta.

Este resultado positivo acentuou-se nos anos seguintes e deu-se principalmente em razão da elevação do preço das commodities, principal categoria de produtos exportados pelo Brasil, que eram cada vez mais exportados inclusive para países que viriam a se tornar parceiros-chave e componentes do BRICS, como a China, por exemplo, que utilizou o minério de ferro brasileiro no seu grandioso processo de industrialização tardia, e veio a

tornar-se o principal destino das exportações brasileiras entre a primeira e segunda década deste século. (UN COMTRADE, 2019).

Em razão de ser uma ferramenta empregada em escala global, os saldos, assim como os dados obtidos através da balança comercial de um determinado lugar (neste caso, o Brasil), podem também ser utilizados como métrica para crescimento/desenvolvimento de determinados setores da economia.

2.3-O COMÉRCIO INTERNACIONAL BRASILEIRO

Desde agora, é necessário destacar que o Brasil é atualmente classificado como um país emergente (em desenvolvimento), e, não só o Brasil como outros países emergentes têm despertado o interesse tanto das nações desenvolvidas, como de grandes investidores, já que se trata de países em ascensão econômica, e, teoricamente, esses países são mercados “novos” que podem apresentar-se como grandes oportunidades de negócios. O Brasil, particularmente, demonstrou um crescimento considerável, além de grandes melhorias em índices econômicos e sociais desde a década de 1990, quando superou a alta inflação, e conseguiu atingir uma estabilidade cambial com a implementação do plano real, atingindo, desde então, resultados cada vez melhores dentro das suas relações de comércio com outras nações. É o que afirma Lobão (2016, p 88.):

Com o intenso processo de abertura econômica verificada no início da década de 1990 no Brasil, acirrou-se a competitividade dos produtos nacionais no mercado externo, por meio de pesquisa em novas tecnologias e do estímulo a produtividade, que se estendem conjuntamente com o Plano Real.

Desde então, o país tem expandido suas relações comerciais com outras nações, possibilitando o firmamento de grandes parcerias no comércio internacional.

O Brasil possui um perfil diversificado de produtos negociados com outros países, no entanto, como um dos países do globo mais bem supridos de recursos naturais, historicamente destacou-se no comércio internacional pela negociação de commodities, tendo um crescimento considerável neste período destacado (a partir da década de 1990). As commodities, estes já mencionados anteriormente, caracterizam-se por seu baixo valor agregado, tendo em vista que são produtos que não passam ou passam por quase nenhum

processo de transformação, ou seja, tratam-se de mercadorias mais “fáceis” de se produzir quando comparadas à produtos de alta tecnologia como smartphones, por exemplo. Dessa forma, essa “facilidade” em acessar e produzir essas mercadorias reflete-se em seu valor, já que um custo menor de produção reflete no seu preço de venda. Entretanto, com a grande capacidade produtiva, o país pode competir frente a frente com grandes exportadores de commodities, como os EUA. Segundo dados do extinto Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio Exterior e Serviços (Mdic), pasta hoje pertencente ao Ministério da Economia (ME), o comércio brasileiro teve um crescimento considerável em suas transações com agentes do exterior durante a primeira década do século 21 (2000-2009), período em que o país já gozava de uma maior liberdade econômica, obtendo crescimentos médios de cerca de 13% e 10%, no que se refere aos valores monetários de suas exportações e importações, respectivamente, como podemos observar nas Tabelas 1 e 2.

Tabela1 – Exportações brasileiras no período de 2000 a 2009

Ano	Valor (US\$)	Crescimento (%)
2000	54.993.159.648,00	----
2001	58.032.294.243,00	0,0553
2002	60.147.158.103,00	0,0364
2003	72.776.746.690,00	0,2100
2004	95.121.672.369,00	0,3070
2005	118.597.835.407,00	0,2468
2006	137.581.151.209,00	0,1601
2007	159.816.383.833,00	0,1616
2008	195.764.624.177,00	0,2249
2009	151.791.674.186,00	0,2246
Total/Crescimento Médio	1.104.622.699.865,00	0,1308

Fonte: ComexStat (2021).

É possível observar que houve crescimento contínuo nas exportações deste período, com exceção do declínio em 2009, quando comparado aos dois anos anteriores. Entretanto, quando se compara o valor arrecadado pelas exportações do ano de 2009 com 80% dos anos disponibilizados na Tabela, haverá sempre um crescimento considerável.

Tabela 2 – Importações brasileiras no período de 2000 a 2009

Ano	Valor (US\$)	Crescimento (%)
2000	56.976.350.170,00	
2001	56.569.020.182,00	-0,0071
2002	48.274.763.553,00	-0,1466
2003	49.307.163.152,00	0,0214
2004	63.813.636.668,00	0,2942
2005	74.692.215.554,00	0,1705
2006	92.531.096.870,00	0,2388
2007	122.041.949.120,00	0,3189
2008	174.707.087.626,00	0,4315
2009	129.397.611.523,00	-0,2593
Total/Crescimento Médio	868.310.894.418,00	0,1062

Fonte: ComexStat (2021).

As importações demonstram um desempenho um pouco irregular em relação às exportações no mesmo período, no entanto, vale a pena destacar que houve crescimento das importações de produtos estrangeiros na maioria dos anos, caracterizando um crescimento real desses valores.

Esse aumento de desempenho no comércio exterior em conjunto com políticas diplomáticas historicamente equilibradas e um bom desempenho da economia nacional durante a crise econômica de 2008, o que também ocorreu em outros países emergentes como a Índia, China e Rússia, possibilitaram ao Brasil uma maior visibilidade, além de confirmar as expectativas que havia desde o início dos anos 2000 em relação aos países emergentes. Além

disso, o país conta com a vantagem de ser a maior economia da América Latina, tendo assim uma grande influência sobre os demais países, possibilitando que algumas dessas nações “vizinhas” viessem a se tornar alguns dos maiores importadores das mercadorias brasileiras. Isso se intensificou ainda mais após 1991 com a criação da aliança comercial conhecida como Mercado Comum do Sul (Mercosul), que flexibilizou as atividades de importação e exportação entre os países do bloco. Sendo assim, integrar-se a outros países dentro de um bloco, como o Brasil fez com o MERCOSUL, pode facilitar o comércio entre esses países, beneficiando principalmente os que tiverem uma maior capacidade de atender as demandas dos demais, algo que aconteceu com o Brasil no caso deste bloco regional.

2.4-BLOCOS ECONÔMICOS

Simões e Moroni (2002), explicam que, a origem dos blocos econômicos se deu a partir dos interesses comuns de empresas, onde, a partir da união de vários países, procurou-se dificultar a entrada de produtos oriundos de outros países e/ou regiões. Dessa forma, se criaram “áreas protegidas” contra a concorrência de empresas mais eficientes vindas de outros países.

A ideia de agrupar países em blocos econômicos está diretamente relacionada ao desenvolvimento econômico das nações envolvidas, possibilitando o fortalecimento e a expansão de seus mercados, dando-lhes um maior alcance sobre mercados vizinhos e vice-versa (integração). Esse tipo de organização internacional está relacionado também ao fenômeno da globalização da economia (SIMÕES e MORONI, 2002). Ainda segundo estes, os blocos econômicos estão dentro do conceito de integração econômica, e são formados por algumas etapas de integração como, Zona de Livre Comércio, União Aduaneira, Mercado Comum (etapa em que se enquadra o Mercosul) e União Econômica e Monetária. Este último tem a União Europeia (UE) como melhor exemplo.

Também existem blocos formados por nações de diferentes continentes. Estes mecanismos de cooperação levam em consideração fatores que vão além da localização geográfica para a formação desses agrupamentos. O Brasil, por exemplo, além de integrar um bloco em nível regional (Mercosul), é membro fundador de um bloco que é composto apenas por países emergentes, o BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).

2.5-BRICS

O BRICS é um bloco econômico composto por cinco das maiores economias emergentes, tendo sido formado, ainda na primeira década deste século, e, desde então, seus componentes têm intensificado suas ações conjuntas. Inicialmente, a sigla era utilizada apenas como “BRIC”, pois não incluía a África do Sul (em inglês, South África). A expressão BRIC foi usada primeiro por Jim O’Neill em um “paper” do Goldman Sachs Group. Nele, o autor antecede a formação do grupo e fala das perspectivas em torno do crescimento econômico das principais potências emergentes da época (Brasil, Rússia, Índia e China) e de sua “fatia” bastante significativa do PIB mundial.

Em uma base de PPP, o tamanho agregado dos BRICs era de cerca de 23,3% do PIB mundial no final de 2000, um pouco maior do que a zona do Euro e o Japão. Embora, com base no PIB atual, o tamanho dos BRICs esteja um pouco abaixo de 8%, isso também deve aumentar. Alguns desses países já são maiores do que algumas economias individuais do G7. A China, com 3,6% do PIB mundial [...], era ligeiramente maior que a Itália no final de 2000, e notavelmente maior que o Canadá. (O’NEILL, 2001, p. 03).

Ou seja, já em 2001, segundo o autor, os quatro países já estavam entre as maiores economias do mundo, podendo fazer frente a países considerados desenvolvidos.

No entanto, apesar de no início da década já se falar no peso dessas quatro nações em desenvolvimento, foi só em 2006, segundo o Ministério das Relações Exteriores do Brasil (Itamaraty), que o grupo começou a desenvolver, de forma informal, reuniões de trabalho entre seus chanceleres, passando a, a partir disso, adotar o termo BRIC, criado 5 anos antes para identificar as nações. Porém, foi só a partir do ano de 2009 que o grupo passou a realizar cúpulas anuais com a presença de seus respectivos chefes de Estado e/ou governo.

A partir da terceira cúpula do BRIC que ocorreu em abril de 2011, na China, mais especificamente na cidade de Sanya, a África do Sul passou a integrar o grupo, que passou a se denominar BRICS. A entrada deste novo membro no grupo causou estranheza no mercado e na comunidade internacional, recebendo críticas do próprio Jim O’Neill, pois, quando comparada aos demais integrantes, a nação africana não se equiparava em força econômica ou extensão territorial. Essas características estavam muito mais presentes em outros possíveis candidatos à vaga, como o México, por exemplo. No entanto, segundo Ribeiro e Moraes (2015), a inclusão do país africano neste seletivo grupo se explica muito mais pela

representatividade no continente africano, fortalecendo a característica de ter membros que são potências regionais e representam o “sul global”.

3-MÉTODO

Para o desenvolvimento deste estudo, o mesmo é classificado como descritivo, levando em consideração a proposta que apresenta, uma vez que busca identificar e expor os efeitos da adesão do Brasil ao BRICS sobre os negócios das organizações brasileiras, pois, segundo Mascarenhas (2012), a pesquisa descritiva pretende identificar a relação entre as variáveis analisadas, as características de uma população ou um fenômeno. Perovano (2016) vem ressaltar que a pesquisa descritiva preocupa-se com a definição das variáveis que devam ser os mais precisos possíveis.

A viabilidade deste estudo deu-se pela coleta de dados secundários oriundos do ComexStat, banco de dados relacionados de informações de comércio exterior do Ministério da Economia do Brasil. Tratam-se de informações-chave referentes as exportações e importações envolvendo os negócios brasileiros como um todo no período de tempo entre os anos 2000 e 2019, bem como os dados referentes as respectivas nações que compõem o BRICS, dentro desta mesma época. As informações extraídas consistem nos montantes exportados e importados pelo país, quantificados por quilograma líquido (unidade tributável) e o valor FOB (Free on Board), expresso em moeda estrangeira, mais especificamente, em dólares americanos (US\$), englobando também os perfis dos principais produtos envolvidos nas operações comerciais deste período envolvendo estes mesmos agentes.

Na análise dos dados disponibilizados foram montados dois cenários distintos separados por períodos temporais. O primeiro cenário engloba o período 2000-2009, que consiste nos 10 anos que antecederam a primeira cúpula presidencial do BRICS (ocorrida em 2009), evento que marcou a uma maior aproximação entre os países membros até então. Já o segundo período compreende dos anos 2010 até 2019, tratando-se da década seguinte a essa mesma cúpula presidencial. As informações referentes a primeira década servem principalmente para efeitos de comparação, uma vez que é possível analisar como as operações comerciais entre o Brasil e os demais membros do BRICS foram influenciadas por essa adesão quando comparadas com um período passado.

Para que essa análise fosse possível, foram utilizados métodos de variação percentual

que puderam elucidar parâmetros como, a parcela percentual das transações do Brasil com os demais membros do BRICS em ambos os períodos, o crescimento dos valores monetários, bem como das quantidades definidas em peso, referentes as operações de comércio exterior, assim como o crescimento médio dentro destes intervalos de tempo. Também foi dada a devida atenção a influência dessas transações sobre os principais indicadores do comércio exterior brasileiro, como o saldo da balança comercial. E, por fim, foram analisados quais os principais seguimentos de produtos que cresceram durante a segunda década observada.

4-ANALISE DOS RESULTADOS

Como mencionado anteriormente, os dados coletados foram divididos em dois períodos temporais para efeito de comparação. Esse posicionamento objetiva uma análise mais realista, uma vez que o estudo trata de eventos ocorridos recentemente. Dessa forma, para melhor apresentar os resultados obtidos, é necessário também apresentar os dados que os geraram.

São evidenciados nas Tabelas a seguir os números que representam, respectivamente, as transações referentes as exportações brasileiras, em números totais, e o quanto direcionadas aos países integrantes do BRICS, assim como as importações.

Tabela 3 – Total exportado pelo Brasil de 2000 a 2019

Ano	Valor FOB (US\$)	Quilograma Líquido (Kg)
2000	54.993.159.648,00	244.537.401.277
2001	58.032.294.243,00	272.545.750.885
2002	60.147.158.103,00	295.461.805.933
2003	72.776.746.690,00	321.001.302.633
2004	95.121.672.369,00	375.636.524.502
2005	118.597.835.407,00	396.824.389.155
2006	137.581.151.209,00	424.257.965.816
2007	159.816.383.833,00	461.465.463.718
2008	195.764.624.177,00	468.761.411.307
2009	151.791.674.186,00	455.255.567.414
2010	200.434.134.826,00	519.741.427.910
2011	253.666.309.507,00	544.085.651.715
2012	239.952.538.158,00	545.932.339.242
2013	232.544.255.606,00	557.952.370.783

2014	220.923.236.838,00	576.395.634.212
2015	186.782.355.063,00	636.029.338.192
2016	179.526.129.214,00	644.891.914.917
2017	214.988.108.353,00	691.743.297.215
2018	231.889.523.399,00	705.549.984.512
2019	221.126.807.647,00	678.108.051.917
Total	3.286.456.098.476,00	9.816.177.593.255

Fonte: ComexStat (2021).

Na Tabela 3, estão disponíveis, de forma bruta, os valores monetários (em dólares) e os valores de pesagem (quilograma líquido) dos números gerais de exportações do período de 2000 a 2019, abrangendo assim, todo o período abordado por este estudo. A seguir, para efeitos de comparação com a tabela acima, estão disponibilizados os mesmos indicadores, entretanto, desta vez, estão quantificados apenas as exportações brasileiras direcionadas a Rússia, Índia, China e África do Sul no período.

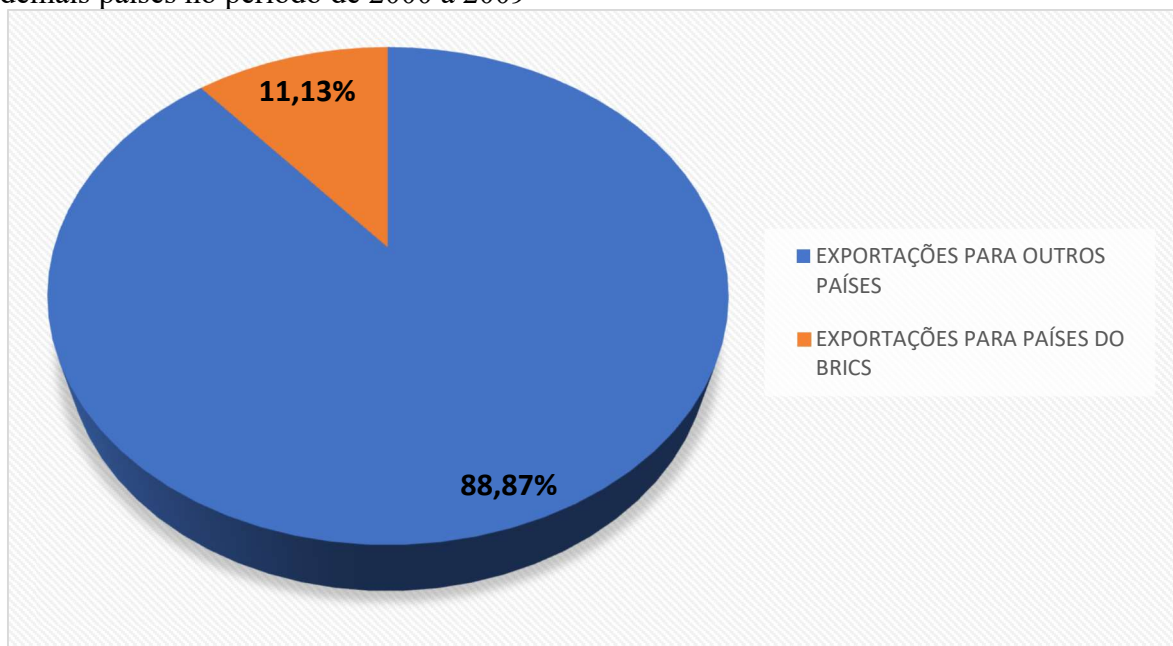
Tabela 4 – Exportações do Brasil para os países membros do BRICS de 2000 a 2019

Ano	Valor FOB (US\$)	Quilograma Líquido (Kg)
2000	2.026.141.061,00	21.241.162.241
2001	3.710.782.142,00	38.616.718.782
2002	4.898.746.073,00	49.760.218.422
2003	7.315.252.736,00	61.644.493.128
2004	8.776.285.286,00	72.130.164.678
2005	12.249.681.205,00	82.542.057.628
2006	14.233.796.120,00	106.440.812.102
2007	17.216.507.864,00	130.680.621.352
2008	24.006.252.942,00	125.353.309.665
2009	28.533.520.261,00	207.164.011.093
2010	39.694.980.820,00	199.643.105.539
2011	53.395.366.892,00	212.788.394.148
2012	51.705.402.120,00	220.501.006.877
2013	53.961.050.403,00	229.107.744.869
2014	50.445.974.616,00	243.008.408.353
2015	42.589.073.423,00	264.645.361.692
2016	41.991.663.072,00	301.254.634.120
2017	56.391.921.033,00	325.104.954.505
2018	70.855.818.111,00	354.669.650.044
2019	68.885.043.394,00	341.035.572.763
Total	652.883.259.574,00	3.587.332.402.001

Fonte: ComexStat (2021).

Com as informações disponíveis nas Tabelas 3 e 2, é possível visualizar uma proporção dos dados presentes na última, quando comparados aos apresentados na segunda, como está demonstrado nos dois Gráficos a seguir:

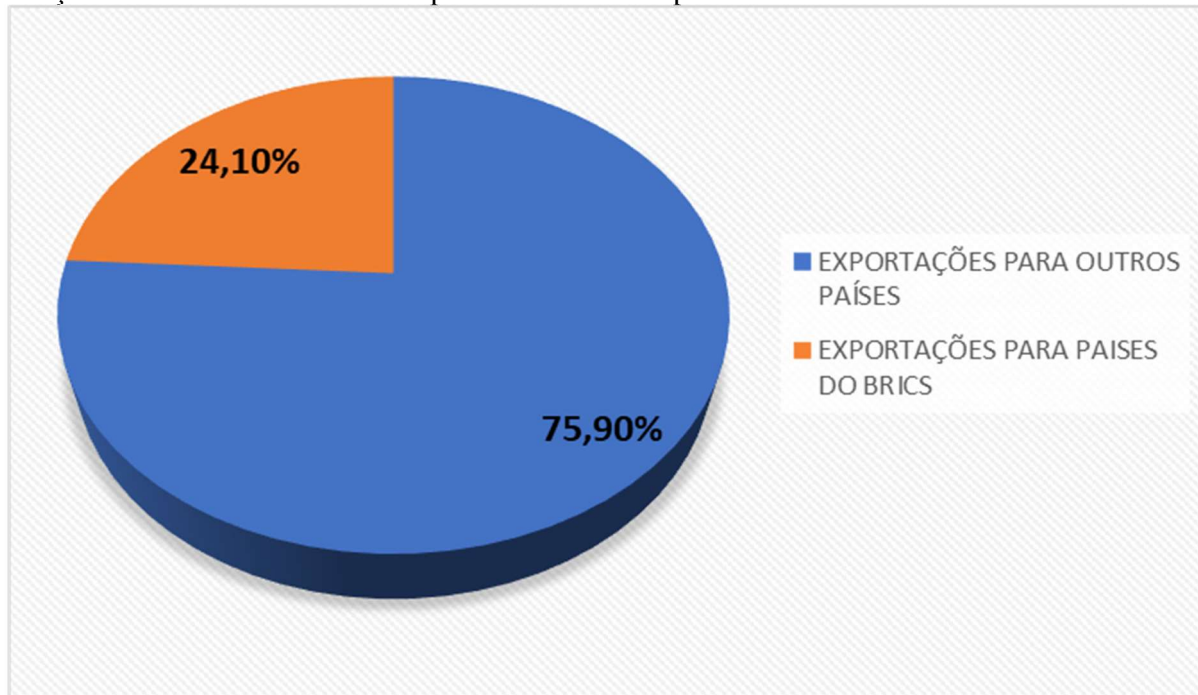
Gráfico 1- Percentual, em dólares, de exportações para países do BRICS em relação aos demais países no período de 2000 a 2009



Fonte: ComexStat (2021).

O Gráfico 1 demonstra que, no período que compreende os anos de 2000 a 2009, as expotações direcionadas aos países que viriam a se tornar membros do BRICS junto com o Brasil representavam um pouco mais de 11% do total das exportações brasileiras no mesmo intervalo de tempo, levando em conta as os dólares que entraram no país por conta das exportações. Em valores claros, o Brasil arrecadou cerca de US\$ 1.104.622.699.865,00 neste período de 10 anos, sendo apenas US\$ 122.966.965.690,00 oriundos de transações feitas com Rússia, Índia, China e África do Sul. Entretanto, o cenário tende a modificar-se um pouco, quando trata-se do peso das mercadorias exportadas, como é mostrado no gráfico 2.

Gráfico 2 - Percentual, em quilograma líquido, de exportações para países do BRICS em relação aos demais países no período de 2000 a 2009.



Fonte: ComexStat (2021).

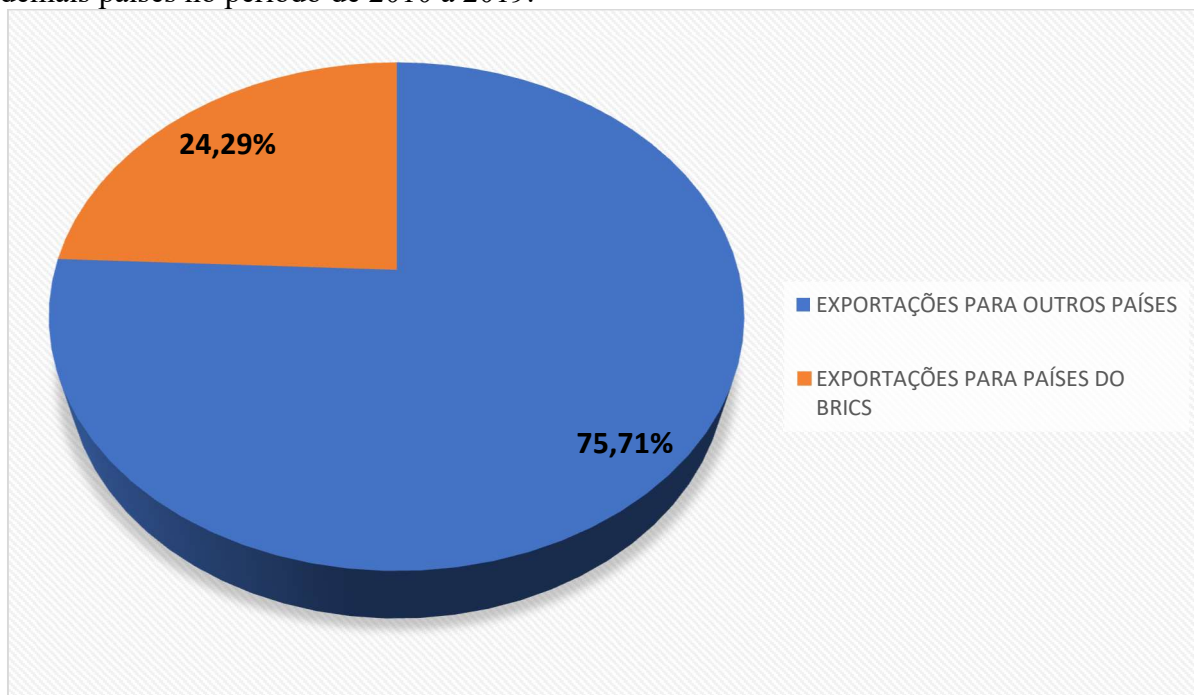
O Gráfico 2 evidencia a divergência na proporcionalidade dos valores exportados quando analisamos separadamente os dólares referentes as vendas dos produtos, de sua quantidade em peso. Em distinção ao que ocorre no Gráfico 1, quando é feita a comparação entre o peso do que foi exportado para os quatro países que compõe o bloco e para os demais países que negociam com o Brasil, os demais membros do BRICS representam quase 1/4 do total exportado pelas empresas brasileiras. Pois, enquanto as exportações brasileiras atingiram cerca de 3.715.747.582.640Kg em seu total, 895.573.569.091Kg foram direcionados aos quatro países emergentes.

Ao observar as informações dos dois Gráficos, fica elucidada que a distinção entre as proporções de cada um em relação ao total exportado está relacionada aos perfis dos produtos que estes países mais importaram do Brasil neste determinado período. Ao fazer essa análise em conjunto, é possível considerar que estes números apontam principalmente para a exportação de produtos de baixo valor agregado, uma vez que é pago um valor relativamente “baixo” por uma quantidade enorme de produtos. Um exemplo desse perfil de produto são os commodities.

Afinal, com os resultados observados até o momento, é possível afirmar que, tratando-se de apenas quatro países que, até então, tratavam-se, em sua totalidade, de economias

emergentes, Rússia, Índia, China e África do Sul já consumiam uma fatia considerável do montante exportado pelo Brasil, principalmente, no que se refere a quantidade/quilograma líquida desses produtos. Entretanto, o objetivo desta pesquisa foca principalmente nos indicadores referentes ao período entre os anos de 2010 a 2019, demonstrados nos Gráficos 3 e 4.

Gráfico 3 – Percentual, em dólares, de exportações para países do BRICS em relação aos demais países no período de 2010 a 2019.

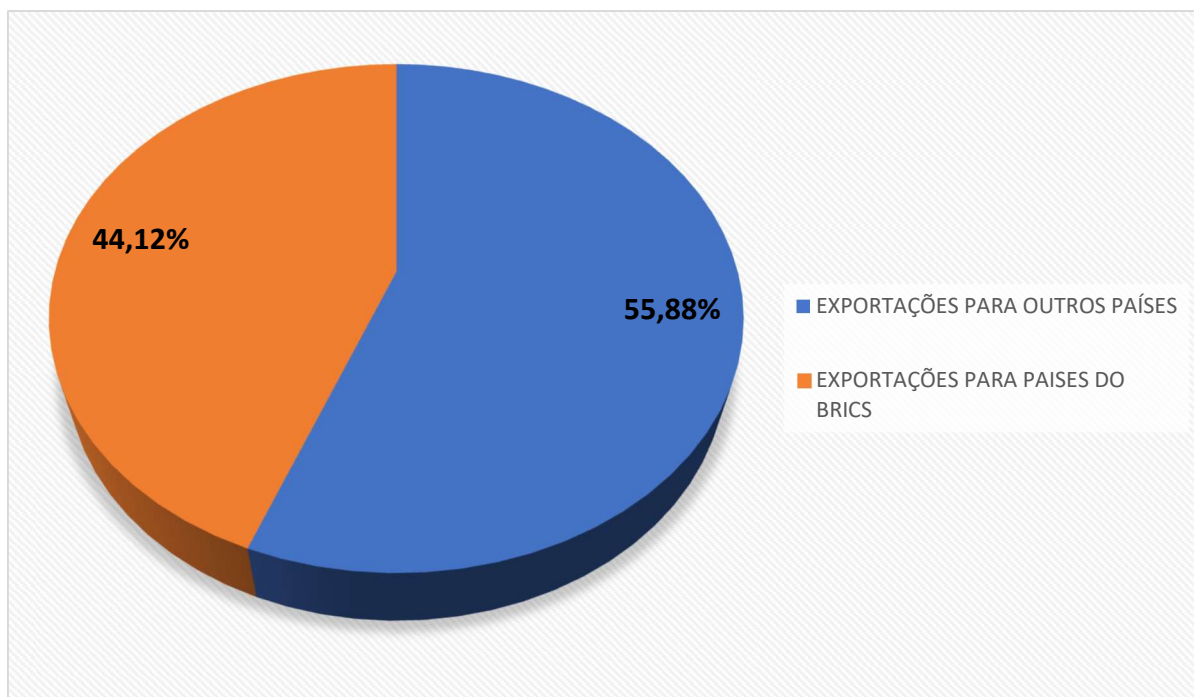


Fonte: ComexStat (2021).

Como pode ser observado no Gráfico 3, há um crescimento bastante significativo dos valores, em dólares, que as exportações direcionadas as nações integrantes do BRICS representam quando comparadas com os demais países, no período de 2010 a 2019. Os produtos que deixaram o Brasil em direção aos quatro países neste período de 10 anos, passaram a representar quase 25% do total exportado pelo país, no que se refere a entrada de divisas. Estes números tornam-se ainda mais significativos quando comparados com os 10 anos anteriores, uma vez que, na década de 2000 a 2009, os valores referentes as exportações direcionadas a esses mesmos países representavam menos de 12% do total das exportações brasileiras. Ou seja, quando analisamos um período confrontando com o outro, a participação desses países, no que se refere a dólares que vieram para as empresas brasileiras, mais que dobrou. Sendo mais específico, entre 2000 e 2009, o Brasil exportou cerca de US\$ 122.966.965.690,00 para esses países, valor que representa cerca de 23% dos US\$ 529.916.293.884,00 exportados para os mesmos destinos na década seguinte. O que

representa um aumento de quase 301% nas divisas que vieram para o país. Crescimento esse que tende a se repetir quando a variável em questão for o quilograma líquido dos produtos exportados.

Gráfico 4 - Percentual, em quilograma líquido, de exportações para países do BRICS em relação aos demais países no período de 2000 a 2009.

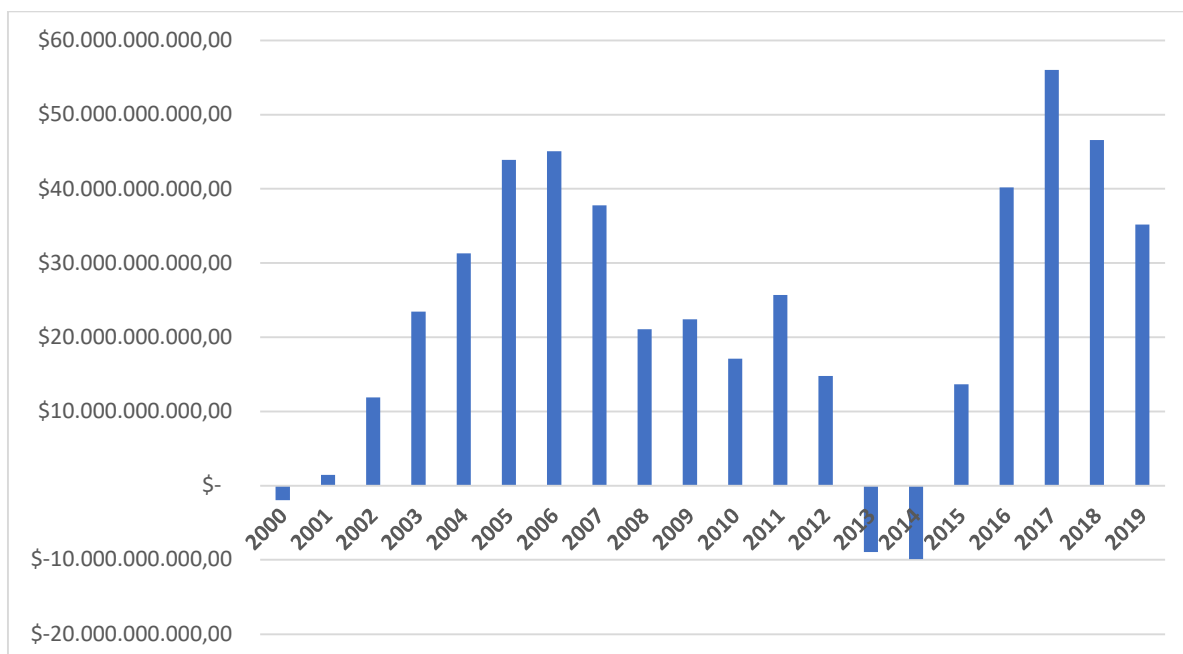


Fonte: ComexStat (2021).

A exemplo do que ocorre no Gráfico 3, o Gráfico 4 apresenta um crescimento expressivo do quilograma líquido dos produtos exportados pelo Brasil entre os anos 2010 e 2019 quando comparados com o período anterior. Nota-se que, em confronto aos 24,1% de participação no montante das exportações brasileiras apresentados no período que compreende os anos 2000 a 2009, a década que se seguiu possui 44,1% do peso total dos produtos que deixaram o Brasil em direção ao mercado internacional. Um crescimento de cerca de 200% de uma década para a outra., tendo em vista que os 895.573.569.091Kg da primeira década analisada representam um pouco mais de 33% dos 2.691.758.832.910Kg da segunda década.

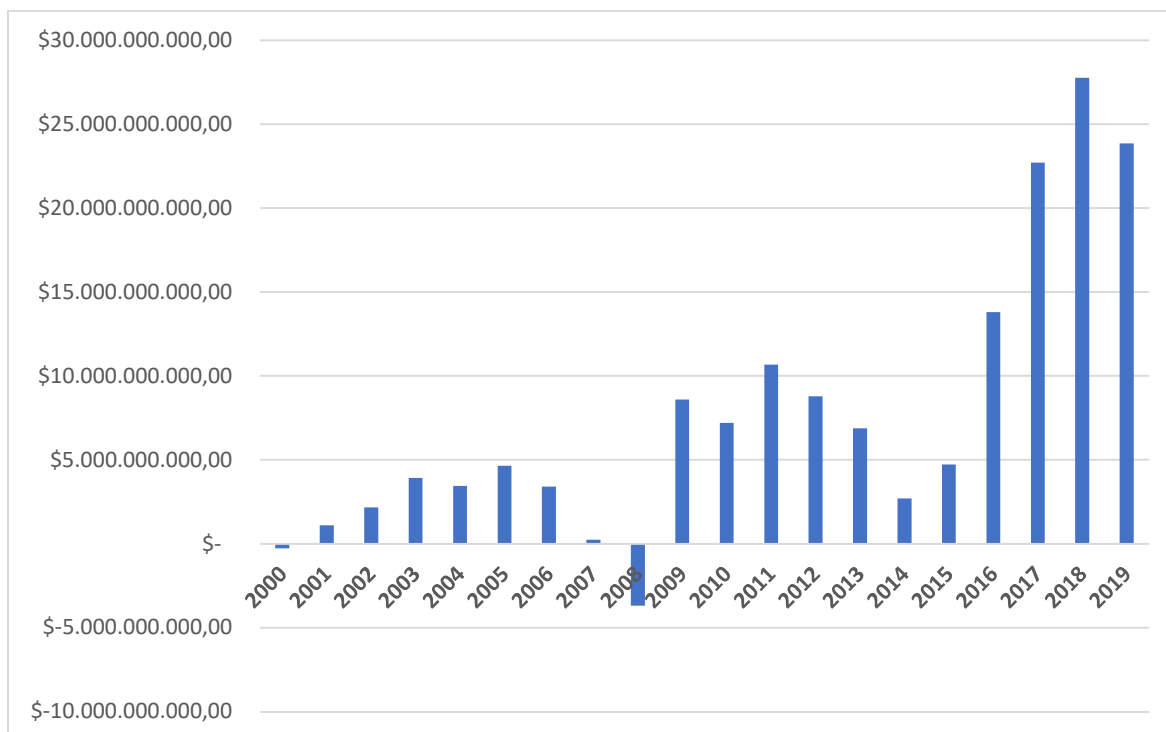
Essas informações podem ser ainda melhor analisadas quando comparamos seus números com os das importações nestes períodos, tendo em vista que o saldo da balança comercial pode ser um importante indicador para a avaliação dessas operações.

Gráfico 5 – Resultados da Balança Comercial Brasileira de 2000 a 2019.



Fonte: ComexStat (2021).

Gráfico 6 – Resultados da Balança Comercial do Brasil com os demais membros do BRICS.



Fonte: ComexStat (2021).

Ao observar as informações do Gráfico 5, é possível visualizar que houveram três ocasiões em que a balança comercial brasileira apresentou um resultado negativo, ou seja, em

que houve um consumo maior de produtos estrangeiros em relação ao que foi vendido para o exterior. Vale ressaltar que os resultados negativos de maior expressão estão dentro do período que compreende os anos de 2010 a 2019. No entanto, quando analisamos somente as exportações que tinham como destino Rússia, Índia, China e África do Sul, esse cenário se modifica, uma vez que há também resultados negativos da balança comercial, entretanto, a partir do ano de 2009, período em que se inicia o maior alinhamento entre os membros do BRICS, há uma série de crescimento, indicando que, mesmo durante períodos de queda ou superação da atividade exportadora brasileira pelos produtos estrangeiros, as exportações direcionadas a esses quatro países mantiveram-se em um grau que se mostrou favorável aos negócios brasileiros quando comparados com o cenário dos demais destinos.

A seguir, é possível avaliar quais os perfis de produtos que mais cresceram durante essa década de maior aproximação entre as nações que compõem o bloco. Foram escolhidas amostras que englobam os cinquenta produtos que mais foram exportados por país componente do bloco no período de 2010 a 2019. Juntos, os valores correspondentes a esses produtos, representam cerca de 97% do total, em dólares, exportado para esses países no mesmo período. Para a classificação desses produtos foi utilizada a mesma classificação de perfil de produtos empregada pelo Ministério da Economia em seus infográficos referentes ao comércio exterior, onde são divididos nas seguintes áreas: Agropecuária, Indústria de Transformação, Indústria Extrativa e “Outros”.

- **Agropecuária**

Tabela 5 – Crescimento médio dos valores de exportações de produtos agropecuários

Ano	Valor FOB (US\$)	Crescimento (%)
2010	14.938.967.965,00	
2011	19.587.873.494,00	0,3112
2012	20.620.623.603,00	0,0527
2013	24.778.310.035,00	0,2016
2014	24.826.475.927,00	0,0019
2015	22.543.543.701,00	-0,0920
2016	21.786.476.795,00	-0,0336
2017	27.517.426.127,00	0,2631
2018	33.638.263.226,00	0,2224
2019	29.300.206.490,00	-0,1290
Total/Crescimento Médio	239.538.167.363,00	0,0798

Fonte: ComexStat (2021).

Os produtos agropecuários ocupam uma parcela considerável das exportações do Brasil para os demais países do BRICS, sendo, em montante arrecadado, a segunda classificação de produtos que mais exportou na década de 2010 a 2019. Apesar das oscilações ocorridas em 2015, 2016 e 2019 em relação aos anos que os antecederam, o crescimento médio das exportações desses produtos na década atingiu um bom patamar, chegando a quase 8%. Esse resultado é devido, principalmente, aos excelentes resultados obtidos em 2013, 2017 e 2018.

- **Indústria de Transformação**

Tabela 6 – Crescimento Médio dos valores de exportações de produtos da indústria de transformação

Ano	Valor FOB (US\$)	Crescimento (%)
2010	1.494.895.870,00	
2011	1.726.806.694,00	0,1551
2012	2.373.855.264,00	0,3747
2013	1.407.367.238,00	-0,4071
2014	1.434.171.168,00	0,0190
2015	1.242.357.245,00	-0,1337
2016	1.628.715.790,00	0,3110
2017	1.577.469.674,00	-0,0315
2018	1.689.318.010,00	0,0709
2019	674.746.089,00	-0,6006
Total/Crescimento Médio	15.249.703.042,00	-0,0242

Fonte: ComexStat (2021).

Proporcionalmente, os produtos oriundos da indústria de transformação brasileira tiveram o pior desempenho dentre as quatro categorias destacadas. Mesmo com os excelentes resultados atingidos nos anos de 2012 e 2016, as transações envolvendo esses produtos tiveram um crescimento médio negativo. Tendo seu ápice em 2012, as exportações brasileiras dos produtos com esse perfil não conseguiram mais alcançar resultado equiparável nos demais anos.

- **Indústria Extrativa**

Tabela 7 – Crescimento Médio dos valores de exportações de produtos da indústria extrativa

Ano	Valor FOB (US\$)	Crescimento (%)
2010	\$21.680.059.937,00	
2011	\$30.157.174.753,00	0,3910
2012	\$26.811.099.375,00	-0,1110
2013	\$26.047.678.143,00	-0,0285
2014	\$22.382.182.885,00	-0,1407
2015	\$16.724.901.532,00	-0,2528
2016	\$16.786.681.446,00	0,0037
2017	\$25.250.858.632,00	0,5042
2018	\$33.686.577.295,00	0,3341
2019	\$37.084.778.313,00	0,1009
Total/Crescimento Médio	\$256.611.992.311,00	0,0801

Fonte: ComexStat (2021).

Obtendo o maior montante de vendas dentre as quatro categorias, as exportações oriundas da indústria extrativa iniciaram a década com um crescimento significativo até 2011, no entanto, esse resultado foi seguido por quatro anos consecutivos de queda no valor das exportações. Tendo a exportação de minério de ferro e de petróleo como principais expoentes, essa classe de produtos detém um crescimento médio de 8% na década de 2010 a 2019, e é a única categoria que encerrou o período analisado com quatro anos de crescimento contínuo.

- **Outros**

Tabela 8 – Crescimento Médio dos valores de exportações dos demais produtos

Ano	Valor FOB (US\$)	Crescimento (%)
2010	141.156.099,00	
2011	169.199.112,00	0,1987
2012	108.330.097,00	-0,3597
2013	131.392.992,00	0,2129
2014	168.557.063,00	0,2828
2015	432.163.342,00	1,5639
2016	192.582.834,00	-0,5544

2017	397.578.713,00	1,0645
2018	186.275.214,00	-0,5315
2019	179.025.986,00	-0,0389
Total/Crescimento Médio	2.106.261.452,00	0,1838

Fonte: ComexStat (2021).

A categoria que abrange os demais produtos exportados para os quatro países que integram o bloco foi não só a que apresentou o melhor crescimento médio em relação as outras, mas também a que apresentou o maior crescimento em valores de um ano para o outro. Em 2015, o montante desses produtos teve um crescimento acima de 150% em relação a 2014. Apesar disso, essa é a categoria com menor expressão dentre o total das exportações para Rússia, Índia, China e África do Sul.

Ao comparar os desempenhos de cada categoria, fica perceptível a “penetração” que cada perfil de produto brasileiro tem nas demais economias participantes do bloco. Observa-se que há uma inclinação expressiva para a compra de produtos agropecuários e da indústria extrativa que saem do Brasil. Já os demais produtos passam a permanecer com uma importância menor aos olhos do comprador estrangeiro.

5-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a analisar e descrever o fenômeno que tem sido a participação do Brasil em um bloco de potências emergentes, dentre elas, a super economia chinesa, observar seus reflexos nos negócios brasileiros e sua influência em indicadores da economia nacional, é necessário ressaltar a importância desta pesquisa para interesse empresarial. Esta afirmação torna-se verdadeira a partir do momento em que fronteiras deixam de existir para o mercado, e as organizações brasileiras passam não somente a ter concorrentes estrangeiros atuando no mercado interno, mas vislumbram a possibilidade de atingir o público estrangeiro.

Os resultados deste estudo apontaram que houve um impacto expressivo da adesão brasileira ao BRICS nos negócios internacionais onde nossas empresas estão inseridas. Ficou nítido o crescimento das exportações brasileiras no período em que foi acertada a participação do país no bloco, passando, as exportações direcionadas a esses países, a ocupar parcelas cada vez maiores do montante exportado pelo Brasil, tanto em quilograma líquido quanto em

dólares. Esses resultados influenciaram diretamente nos saldos de uma das principais métricas do comércio exterior brasileiro, a balança comercial. Não menos importante, a pesquisa apontou quais produtos, e, conseqüentemente, empresas foram mais beneficiadas por essa participação, uma vez que houve grande crescimento no consumo dos produtos de baixo valor agregado, da indústria extrativa e agropecuária, demonstrando o quanto as organizações presentes nesses setores foram atingidas positivamente, além de apontar para a oportunidade de crescimento nesses seguimentos.

Enfim, é necessário destacar que em razão da escassez de detalhes em algumas informações, algumas questões que poderiam ter sido incluídas nesta pesquisa ficaram para estudos futuros. Dentre elas, informações sobre matéria-prima exportada pelo Brasil para ser utilizada na indústria de transformação desses países, em especial, a China.

REFERÊNCIAS

- MASCARENHAS, Sidnei Augusto (org.). **Metodologia de Pesquisa em Administração**. 1. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012. 128 p.
- PEROVANO, Dalton Gean. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica**. 1. ed. São Paulo: Inter Saberes, 2016. 386 p.
- SEITENFUS, Ricardo. **Relações Internacionais**. 2. ed. Barueri: Manole, 2013. 2015 p.
- PASSOS, Carlos Roberto Martins; NOGAMI, Otto. **Princípios de Economia**. 6. ed. São Paulo: Cengage, 2012. 696p.
- SIMÕES, Regina Célia Faria; MORINI, Cristiano. A ordem econômica mundial: considerações sobre a formação de blocos econômicos e o Mercosul. **Impulso**, Piracicaba, v. 12, nº. 31, p. 139-154, 2002.
- O'NEIL, Jim. Building Better Global Economic BRICs. **Economics Sm Research From The Gs Financial Workbench**. London, Global Economics Paper No: 66. p. 1-15. 30 nov. 2001.
- POYER, Maria da Graça; RORATTO, Renato Paulo. **Introdução ao Comércio Exterior**. Palhoça: Unisulvirtual, 2017.
- LOBÃO, Mário Sérgio Pedroza; CORRÊA, Alexandre de Souza; SCHNEIDER, Mirian Beatriz. Região Norte do Brasil e sua inserção no comércio internacional brasileiro. **Interações**, Campo Grande, p. 87-102, abr. 2017. Trimestral.
- ROSSETTI, José Paschoal. **Introdução a Economia**. 20. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- KRUGMAN, Paul R.; OBSTFELD, Maurice. **Economia Internacional**. 8. ed. São Paulo: Pearson, 2009.
- RIBEIRO, Elton Jony Jesus; MORAES, Rodrigo Fracalossi de. De BRIC a BRICS:: como a África do sul ingressou em um clube de gigantes. **Contexto Internacional**, [s. l], v. 37, n. 1, p. 255-287, 19 mar. 2015. Bimestral.
- SOUZA, Cláudio Luiz Gonçalves. **A teoria geral do comércio exterior: aspectos jurídicos e operacionais**. Belo Horizonte: Líder, 2003. 248 p.

